Geoturismo *slow*. mais do que apenas um tipo de turismo

PAULO SÁ CAETANO * [pcsc@fct.unl.pt]

VICTOR LAMBERTO ** [vlamberto@gmail.com]

Palavras-chave | Geoturismo, Movimento *Slow*, geodiversidade, Desenvolvimento local.

Objetivos | A primeira definição de Geoturismo, apresentada pelo geólogo T. Hose em 1995, afirma que “consiste na disponibilização de serviços e meios interpretativos que permitem ao visitante adquirir conhecimentos e compreensão sobre a geologia e geomorfologia de um local (incluindo o seu contributo para o desenvolvimento das Ciências da Terra), que vai para além da mera apreciação estética” (Hose, 1995). Definições mais recentes (e.g. Newsome & Dowling, 2010) remetem, sem dúvida, para um tipo de turismo claramente virado para a geodiversidade de uma região e para o seu potencial de atração turística.

A controvérsia que tem surgido acerca da definição do tipo de turismo inerente ao geoturismo, e a discussão sobre a “pertença” da parte “geo” do termo, resulta de uma outra definição apresentada em 2002, na revista *National Geographic Traveler* (pelo jornalista Jonathan Tourtellot que a propôs em primeiro lugar em 1997), que lhe atribui um carácter não exclusivamente geológico: “*Geotourism is “best practice” tourism that sustains, or even enhances, the geographical character of a place, such as its culture, environment, heritage, and the well-being of its residents*”. O “carácter geográfico” aqui referido procura realçar o sentido, a identidade ou a integridade do lugar (Tourtellot, 2011). Numa tentativa de promover a “conciliação” dos termos, o autor sugeriu a inclusão explícita da palavra “geologia” e, atualmente, na designada “declaração de Arouca” (resultante da discussão que teve lugar no congresso internacional de geoturismo realizado em Arouca, em novembro de 2011) encontra-se a proposta do seguinte texto: “Geoturismo deve ser definido como o turismo que sustenta e incrementa a identidade de um território, considerando a sua geologia, ambiente, cultura, valores estéticos, património e o bem-estar dos seus residentes”.

No entanto, a discussão não parece ter-se pacificado... (*vide post* de Jonathan Tourtellot em <http://newswatch.nationalgeographic.com/2011/11/16/>).

Nesta comunicação, através da apresentação de exemplos de percursos geoturísticos realizados no âmbito, e seguindo a filosofia do projeto “*Slow Itineraries*”, pretende-se dar um contributo para esta discussão, propondo a alternativa do “geoturismo *slow*”.

Metodologia | O projeto “*Slow Itineraries*”, que o movimento *Slow Food*, despoletado em 1986, tem vindo a desenvolver, promove a integração e o usufruto de paisagens, saberes e sabores de cada região, de uma forma lenta, respeitadora e valorizadora das comunidades locais e do território envolvidos, tendo sempre presente conceitos queridos ao movimento *Slow*, como a lentidão, o convívio, os produtos locais e sazonais, os alimentos bons, limpos e justos.

Neste contexto, foi criado um conjunto de itinerários geoturísticos *slow*, que pretendem valorizar o território onde se inserem, e onde o património geológico surge como ferramenta essencial para a leitura dos espaços e como fator

* **Doutor em Geologia** pela Universidade Nova de Lisboa, **Professor Auxiliar** na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

** **Mestre em Planeamento Mineiro** pelo Instituto Superior Técnico (UTL), **Dirigente** da Associação *Slow Food* Alentejo.

indutor de desenvolvimento e promoção turística, integrando outras áreas do saber e permitindo o usufruto do território de uma forma sustentável, mais aprofundada e, acima de tudo, lenta. A preocupação primordial que tem levado à criação de percursos geoturísticos *slow* centra-se na intenção de divulgar, de uma forma cientificamente correta mas simultaneamente apelativa (simples e acessível), e para um público alargado, conhecimentos de cariz geológico e a sua relação com outras áreas do saber (e.g. geografia, fauna e flora, história, gastronomia), numa aproximação integrada, e onde a Geologia é o ponto de partida para a leitura e compreensão do território e de muitos dos seus diversos espaços e paisagens, possibilitando a definição de novos produtos turísticos sustentáveis.

Principais resultados e contributos | Os percursos definidos e as ações promovidas, maioritariamente pedestres, apresentam diferentes características, que refletem as especificidades locais e regionais (e.g. contexto geológico, ocupação humana do território), mas estão sempre unidos por princípios comuns, nomeadamente a divulgação e promoção da Geologia, a transversalidade do conhecimento, o respeito pelo ambiente e pela sustentabilidade, a circulação responsável pelos campos, e a integração de outras áreas do conhecimento e dos saberes e sabores tradicionais. Estes percursos, para além dos ainda em fase de levantamento e implementação, têm como intenção contribuir para, entre outros aspetos:

- Aumentar a consciência pública em relação à Geologia e aos georrecurso e sensibilizar as populações para a sua importância;
- Encarar a Geologia e a Geodiversidade como o ponto de partida para a leitura do território, a camada de base sobre a qual assenta outra informação;
- Aproximar as populações da natureza, valorizando os seus recursos, promovendo a sua recuperação para novos e antigos usos e dinamizando a economia local;
- Procurar minimizar impactes negativos no território e o envolvimento da comunidade na conservação do património geológico e de outras especificidades de uma região;
- Captar visitantes e aumentar o tempo de permanência nas regiões envolvidas, através do usufruto sustentado de património único e amiúde desconhecido;
- Promover o desenvolvimento sustentado do interior do país, nomeadamente de comunidades rurais localizadas em zonas muitas vezes economicamente deprimidas.

Conclusões | Desta forma, o carácter já de si inovador do geoturismo é, no caso dos percursos geoturísticos criados, reforçado pela integração de outros saberes e da filosofia *Slow*. Os princípios inerentes a estas atividades geoturísticas aproximam-se, assim, do conceito de geoturismo mais como uma “abordagem” ao turismo do que como um “tipo” de turismo, tal como foi sugerido por J. J. Tourtellot no recente congresso internacional de geoturismo de Arouca (Tourtellot, 2011).

Refira-se que o geoturismo *slow*, que tem vindo a ser promovido junto de um público diversificado que tem participado nos passeios efetuados (e.g. programa Geologia no verão do Ciência Viva, jornadas europeias do património e dos *Slow Itineraries*), prosseguirá no futuro com outras ações, enquadradas sempre pela filosofia *Slow*. Os percursos estabelecidos deverão estimular o contacto com a natureza e a dinamização de atividades que promovam o desenvolvimento socioeconómico, contribuindo para o desenvolvimento sustentado das regiões envolvidas, tendo sempre como ponto de partida o enquadramento geológico, importante ferramenta para leitura e compreensão do território e das suas especificidades, à semelhança do que sucede com o conceito de *terroir*, tão em voga na enologia.

Como “uma vida rápida é uma vida superficial” (Honoré, 2006), promove-se, desta forma, a compreensão e o usufruto da lentidão, que aparentemente não é estranha a quem orbita na área da Geologia e dos georrecurso, dado estar presente, por exemplo, na escala geológica do tempo e em muitos dos processos geológicos conhecidos.

Referências

- Honoré, C., 2006, *O movimento Slow*. Estrela Polar, Cruz Quebrada, pp. 263.
- Hose, T.A., 1995, Selling the story of Britain's Stone, *Environmental Interpretation*, Vol. 10 (2), pp. 16-17.
- Newsome, D. & Dowling, R., 2010, Setting an agenda for geotourism, in Newsome, D. & Dowling, R. (eds.), *Geotourism: The tourism of geology and landscape*, Good Fellow Publishers, Oxford, pp. 1-12.
- Tourtellot, J. B., 2011, Geotourism via national geographic: an approach for protecting destination quality, in Rocha, D. & Sá, A. (eds.), *Proceedings of the International Congress on Geotourism - Arouca 2011*, Arouca, p. 15